

COMO ISOLAR O ASSINTOMÁTICO PARA PARAR ESTA PANDÊMICA

Na medicina, uma condição é considerada assintomática se a pessoa é portadora de uma doença ou infecção, mas não apresenta sintomas; às vezes são chamados silentes. Para os que trabalham na área endêmica da hanseníase na área pan-amazônica, falamos dos comunicantes da doença a serem descobertos, ou seja, pessoas que conhecemos que estiveram em contato com o agente infeccioso, mas que até o momento não tem desenvolvido nenhum sintoma, mas dada a persistência do bacilo que estamos enfrentando, sabemos que da próxima vez que chegemos nessa comunidade, ele poderá ser positivo, essa busca é essencial para conhecer exatamente a real dimensão da epidemia.

Todos os dias somos informados dos novos achados clínicos do COVID 19, e isso é preocupante, pois parece que os novos sintomas forçam a investigação de novas terapias, e o chamado processo de desaceleração da pandemia é confuso. É então quando se insiste em isolar os comunicantes assintomáticos; todos sabemos que, em geral, os vírus têm um grande potencial de ação. De fato, o nome deriva do latino vírus, em grego *lóç* "toxina" ou "veneno" devido aos danos que causam ao hospedeiro involuntário; sua variedade de acomodações pode ser muito ampla ou extremamente limitada. Bem, já existem estudos científicos que concluíram que alguns dos primeiros casos que chegaram à Europa eram assintomáticos. Assim, mostra-se que, de fato, existem pacientes assintomáticos para COVID-19 e que eles também podem espalhar a doença, conforme indicado pelo CDC (CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS).

Precisamente, dada a incerteza gerada pelo número de pessoas SILENTES, os cidadãos são instados pela OMS a cumprir as regras de isolamento e prevenção para evitar novas infecções e a usar máscaras, assim como as medidas de higiene complementar. O problema surge quando se sabe que esses pacientes assintomáticos precisariam ser submetidos a "testes rápidos", a fim de descobrir se são positivos ou não, e é isso que devemos exigir das autoridades, porque eles mesmos recomendam que nos isolemos, cuidemos de nós mesmos e nos protejamos.

Na área da saúde pública, as autoridades competentes devem ter os meios para "rastrear contatos", a fim de conter a pandemia. Acreditamos que na Europa tudo isso pode ser possível devido à pressão dos cidadãos, mas, em outras áreas do mundo, como em nossa região pan-amazônica, sabemos que exigir EPI ou marcadores PCR, por exemplo, é como pedir que crianças que nascem no rio Purús, tenham que ser vacinados todos os anos; um sonho impossível, talvez o mais oportuno dessa pandemia é que, neste momento, todos falem sobre o COVID-19, como a doença a combater, e sem perceber, que nos deu a todos o direito de ser iguais, lembro-me aqui das palavras de DARWIN quando ele disse: *não é a mais forte o mais inteligentes das espécies aqueles que sobrevivem, mas SEM aquele que se adapta à mudança*, e essa mudança supõe que todos nós adotemos uma atitude exigente para que todos tenhamos acesso real a sobreviver e resistir, é como, por exemplo, se a aridez do deserto possa pressionar a todas as espécies a ter uma maior resistência à desidratação. As mudanças, como já podemos deduzir, são geralmente adaptativas, o que implica que, no momento, todos devemos nos adaptar à pressão que o COVID 19 esta fazendo sobre nós, daí que sanitários e cidadãos, em geral, exijamos todas as medidas de diagnóstico precoce necessárias para o controle dos comunicantes assintomáticos, dos portadores de patologias de risco ou de nossos idosos vulneráveis para fazer cumprir a máxima dita por uma das pioneiras sanitárias FLORENÇA NIGHTINGALE *APENAS SE COMEÇA A VENCER A DOENÇA QUANDO NAO SE DAM NEM ACEITAM EXCUSAS*. . Antonia López González Especialista em doenças tropicais. ACI-ESADTE. Amazônia Brasil

